

## PROCURA-SE O AQUI

Em artigos, poemas, desenhos, fotografias, pinturas, entrevistas, propostas poéticas, traduções, pesquisas, relatórios, relatos, mapas, diários, receitas (culinárias, financeiras, médicas, amorosas, simpatias, orações, ... ), cartas, bilhetes, tabelas, fórmulas, listas, partituras, sons. Todas as línguas são bem vindas.

### EDITORIAL

Onde está o aqui? Como estar aqui em nossas distâncias? Como ver o aqui, se olhar é uma despedida constante? Estar aqui é estar com: as geleiras, as árvores, as palavras, as fendas, os fósseis. Mas é também, saber algumas coisas de cor. Deitar no chão. Estar em fúria. Estar no meio. Em casa e em toda a parte. Eis o aqui: Tocar a superfície de uma caverna. Tornar-se cor. O fragmento que flutua por algum tempo e gira sobre si mesmo. Estar aqui é estar há milhares de anos. É um eco do enigma primeiro. Um salto na noite em que pousa o cosmos. É palavra que localiza e indica que se está perdido. Faz ver e impede de ver. Vista de uma espessura existente. É lembrar- se. É o simultâneo estado da flecha: disparo e pouso. É interromper o desaparecimento. Retomando o 5º ato do manifesto “dizer algo sobre estar aqui:” do grupo vaga-mundo: poéticas nômades, propomos este dossiê como um ponto de encontro num mundo de distintas vozes, um braço a braço, composto de respostas ao nosso aceno para pensarmos coletivamente o Aqui:

O dossiê reúne, em várias línguas e formatos, artistas, poetas, historiadores da arte, arqueólogos, arquitetos, filósofos, astrólogos... para, em tempos de ventos furiosos e de discursos de extinção do futuro, acreditar na força coletiva do estar aqui. Como nos lembra Yoko Ono em sua cena para a terra, escrita na primavera de 1963: escute o som da terra que gira.

Agradecemos:

o convite de shajara neéhilan | os que responderam ao nosso aceno | à  
gisel carriconde azevedo e deCurators | ao diego bresani | ao natan gabriel  
| à camila torres | ao alaska film archives | ao último pássaro kaua'i'ō'ō |  
aos fragmentos de safo | aos versos de marília garcia | à língua estrangeira  
que canta | ao vento que sopra na copa das árvores | àquela que escreveu  
as mãos sobre as paredes da caverna e voou pela primeira vez | às  
altitudes de cada levante | as águas que correm velozes | ao esturro da  
onça | ao aulido do lobo | ao tropeço do saruê | ao farfalho do redemoinho  
vermelho | ao estalo da canela-de-ema pegando fogo | à gargalhada  
do acauã | ao lamento do urutau | ao miado da cobra | à ícaro quando  
escolheu a beleza | às mãos agarradas que oferecem o salto | ao tremor da  
terra e do pouso | ao salto coletivo inuit | ao último barco antes do inverno  
que levou suprimentos à groenlândia | ao último pôr do sol do alasca até a  
primavera chegar | à josephine bacon - poeta Inuit | ao viajante 3I/ATLAS |  
ao tapete voador | ao voo coletivo | ao voo reverso do beija-flor...

vaga-  
mundo  
POÉTICAS  
NÔMADAS

Brasília, primavera de 2025  
Grupo vaga-mundo: poéticas nômades